

# CAMINHOS LINGUÍSTICO-SEMIÓTICOS PARA A ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

ALEXANDRE ROBSON MARTINES\*

**Resumo:** *A Organização do Conhecimento volta-se para o tratamento da informação em busca de correlacionar linguagem especializada para representar o conhecimento e para representar a informação. É objetivo desta pesquisa analisar teorias da Semiótica para explorar seus fundamentos técnicos e metodológicos para tratar a informação e sua significação inerente aos processos cognitivos que envolvem a organização do conhecimento e a representação da informação. É uma pesquisa qualitativa, teórica e bibliográfica. A Semiótica sistematiza a informação produzida através de discursos e efetiva o processo cognitivo, sistematizando a significação que impacta a classificação e a representação do conhecimento e da informação. A aplicação da Semiótica para o tratamento da linguagem e da informação contribui para ampliar os recursos técnicos e metodológicos da Organização do Conhecimento.*

**Palavras-chave:** *Organização do Conhecimento; Linguagem; Cognição; Semiótica; Discurso.*

**Abstract:** *Knowledge Organization focuses on the processing of information in order to correlate specialized language to represent knowledge and information. The objective of this research is to analyze Semiotic theories to explore their technical and methodological foundations for processing information and their inherent significance in the cognitive processes that involve the organization of knowledge and the representation of information. This is a qualitative, theoretical and bibliographical research. Semiotics systematizes the information produced through discourses and makes the cognitive process effective, systematizing the significance that impacts the classification and representation of knowledge and information. The application of Semiotics to the processing of language and information contributes to expanding the technical and methodological resources of Knowledge Organization.*

**Keywords:** *Knowledge Organization; Language; Cognition; Semiotics; Discourse.*

## INTRODUÇÃO

A Organização do Conhecimento direciona suas atividades para a sistematização de recursos, instrumentos, técnicas e métodos voltados para organizar e sistematizar o conhecimento, por isso há a preocupação com o uso da linguagem em busca de instrumentalização da linguagem especializada para estabelecer sistemas de organização do conhecimento, em que o significado é estabilizado a fim de enquadrar os pressupostos temáticos, discursivos e cognitivos em mecanismos comuns a todos os usuários.

---

\* Universidade Estadual Paulista «Júlio de Mesquita Filho» (UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências – Brasil.  
Email: alexandre.martines@unesp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4524-0978>.

Entre as atividades da Organização do Conhecimento, devem-se ser destacadas a classificação, a categorização e a catalogação. Essas atividades desempenham funções de tratamento dos Sistemas de Organização do Conhecimento a fim de correlacionar linguagem com fatores cognitivos, ou seja, há a aplicação da linguagem especializada, fundamentada a partir de terminologia para a constituição de conceitos, os quais, por se tratarem de unidades condensadas de conhecimento, efetivam-se decorrente a processos cognitivos e discursivos na configuração das cenas práticas que os constituem. O conhecimento se efetiva no devir, porém é constituído em processos mentais, que efetivam a experiência e possibilitam a reprodução de saberes em novos contextos.

Além disso, a organização também se volta para o tratamento da informação e, assim, utiliza-se da linguagem para efetivar a representação da informação, por isso há a constituição de procedimentos de organização do conhecimento. Esses procedimentos, embora sejam sistematizados para observar fatores que envolvem a constituição temática de um documento a fim de evidenciar estratégias de representação, fazem uso da linguagem durante o processo de tratamento. Diante disso, o recorte aplicado para fundamentar a indexação é constituído por fatores contextuais, técnico-profissionais, conceitos em relevância e em consistência, os quais se afirmam através da manifestação do discurso, que ativa fundamentos cognitivos que permitem a inter-relação entre linguagem, domínio, comunidade, informação, conceito e conhecimento.

Frente a esse aspecto, em destaque, a importância da linguagem no que consiste à constituição de sistemas de organização do conhecimento e nos procedimentos de organização do conhecimento, é válido refletir acerca de teorias da linguagem e da filosofia da linguagem como estratégias para efetivar caminhos especializados em linguagem para tratar do sentido e da significação. Esse movimento explora os fatores discursivos e cognitivos que impactam na construção do conhecimento, por sua vez na leitura, na análise, na interpretação, na seleção e na fundamentação de normas e diretrizes para elaboração de objetos e sistemas informacionais, os quais providenciam a recuperação da informação.

Nesse sentido, a Semiótica é ramificada em algumas vertentes. Diante disso, evidencia-se a semiótica peirceana, a qual está centrada em uma teoria que visa a compreensão dos fenômenos e dos objetos a fim de evidenciar o papel dos signos na representação, mediação e constituição da semióse e do hábito mental, fatores fundamentais para a aprendizagem e para estabelecer condutas de ação deliberada, bem como de autoajuste e de correção. Outra vertente a se destacar, é a semiótica francesa, a qual se dedica à compreensão dos discursos e como estes constituem o simbólico que representa e medeia a realidade através de cenas práticas, a fim de evidenciar o *ethos* discursivo e as formas de vida que se manifestam através da linguagem.

Nessa perspectiva, é objetivo desta pesquisa analisar teorias da semiótica para explorar seus fundamentos técnicos e metodológicos para tratar a informação e sua significação inerente aos processos cognitivos que envolvem a organização do conhecimento e a representação da informação.

Para tanto, aplicou-se uma metodologia de natureza qualitativa, exploratória, já que busca explorar os fundamentos teóricos da Organização do Conhecimento e das vertentes da Semiótica a fim de aproximar suas bases teóricas e evidenciar pontos de convergência a fim de contribuir para os processos de tratamento que envolvem as práticas da organização do conhecimento. Nesse sentido, a pesquisa também se caracteriza como uma pesquisa básica, bibliográfica e interdisciplinar. Para a realização da coleta, consultaram-se bases de dados como Brapci, Dialnet, Google Scholar, Scielo, como também publicações em eventos como IBERSID, ISKO Ibérico, ISKO Brasil e ENANCIB, além do repositório de teses e dissertações da Capes, recuperando artigos, teses, dissertações e livros, publicados em português, espanhol, francês e inglês. A pesquisa foi baseada em palavras-chave e na composição temática, por isso não se estabeleceu período de coleta ou de publicações. Diante disso, a análise se realizou à base dos conceitos centrais como organização do conhecimento, tratamento da informação, indexação, conceito, classificação, categorização, domínio, comunidade discursiva, tricotomia do signo, tricotomia do objeto, categorias fenomenológicas, interpretante, semiose, hábito, plano da expressão, plano do conteúdo, discurso, percurso gerativo, nível de imanência, nível de pertinência, cenas práticas, *ethos*, formas de vida e cognição. A interpretação ocorreu a partir do inter-relacionamento das teorias e da sistematização dos conceitos, o que permitiu estabelecer avanços através de inferências.

Assim, a presente pesquisa se justifica devido à relevância da linguagem nas práticas da organização do conhecimento, como também da necessidade de estudos especializados sobre a linguagem a fim de contribuir para avanços no tratamento da linguagem e da informação.

## 1. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

A Organização do Conhecimento se apresenta como um campo técnico-científico dedicado a compreender e a sistematizar o conhecimento através de instrumentos para classificar, categorizar, catalogar, assim contribuir com diversas áreas do saber no processo de organização e representação do conhecimento. Para efetivar suas atividades, a linguagem assume papel central na articulação da informação e nos processos de correlação semântica a fim de estabelecer conexões entre o linguístico e o extralinguístico, por isso analisar aspectos inerentes à cognição se apresenta como um debate em ascensão.

O conhecimento é a grande qualidade do ser humano, pois além do indivíduo aprender com a experiência e, assim, afinar suas habilidades e ser capaz de,

continuadamente, ampliar suas competências sobre o fazer no mundo, o classificar o mundo e, finalmente, o organizar o mundo para que possa pensá-lo, dominá-lo e controlá-lo à medida que há o desenvolvimento da cognição (Martines 2025).

Ações cognitivas constituem uma mente, que é a capacidade de desenvolver, ativar e ressignificar a percepção, a organização das informações, o raciocínio, a memória, a aprendizagem e a ação, os quais de refinam através de ações deliberadas. Desse modo, há a condição de proporcionar a investigação, a inquirição, a avaliação, a correção e o avanço frente àquilo que o mundo oferece à sua condição de existência social, cultural, histórica, política, ideológica e científica (Martines 2025).

Nesse cenário, a informação assume papel cabal, visto que se concentra em uma atividade longínqua até a cognição, ou seja, a informação está alinhavada no despertar, presente na percepção; na identificação dos seres e de suas características, atuante na classificação e na categorização; na construção dos significados e na composição do devir da significação, manifestada na materialização em linguagem (Martines 2025).

A Organização do Conhecimento é «a arena na qual as heurísticas de ordenação de conhecimento são estudadas», ou seja, «é a arena na qual a classificação e a ontologia, os tesouros e o vocabulário controlado, a epistemologia e a confirmação são estudadas e na qual as aplicações são desenvolvidas e testadas» (Smiraglia 2013, p. 1).

Smiraglia (2012, p. 225, tradução livre) afirma que a Organização do Conhecimento é «o domínio em que a ordem do conhecimento é o paradigma principal da investigação científica, cuja aplicação básica é o desenvolvimento de sistemas». Dito isso, há um entrelaçamento entre as teorias da organização do conhecimento e os sistemas de organização do conhecimento (SOC).

Desse modo, «os produtos aplicados resultantes da organização do conhecimento são, por exemplo, as classificações, taxonomias, ontologias e tesouros» (Smiraglia 2012, p. 225). Por seu turno, «os produtos teóricos são as regras para descobrir a ordem natural do conhecimento para impor uma sequência útil no conhecimento descoberto», complementando que «tanto a ciência como suas aplicações dependem de grande medida da teoria do conceito» (Smiraglia 2012, p. 225).

Para Hodge (2000, p. 1), os Sistemas de Organização do Conhecimento têm como objetivo central proporcionar «todos os tipos de esquemas para organizar a informação e promover a gestão do conhecimento». Além disso, «incluem esquemas de classificação e categorização que organizam materiais em um nível geral», somado ao fato de oferecer «vocabulários altamente estruturados, como tesouros» (Hodge 2000, p. 1).

O conhecimento, bem como sua classificação, categorização e o processo de sistematização dos conceitos são os objetos da Organização do Conhecimento, como ainda promover debates, teorias, métodos, prática e técnicas para tratar a informação. Desse princípio, «o conhecimento está relacionado a um processo cognitivo de

interpretação e associação de significados que partem da internalização do que é apresentado e entendido por um indivíduo como realidade objetiva» (Café, Lacruz e Barros 2012, p. 287).

Sob a perspectiva de Hjørland (2008, p. 86), a Organização do Conhecimento «trata de atividades como descrição, indexação e classificação de documentos realizadas em bibliotecas, base de dados bibliográficas, arquivos e outros tipos de instituições de memória». Na versão de Hjørland, é possível reconhecer que o objeto da Organização do Conhecimento não se restringe ao tratamento do conceito e aos aspectos de cognição, mas, sim, é ampliado às atividades voltadas aos documentos.

Ademais, a Organização do Conhecimento, enquanto campo de estudo, volta sua atenção à natureza e à qualidade de processos de organização do conhecimento e «com os sistemas de organização do conhecimento (SOC) usados para organizar documentos, representações de documentos, trabalhos e conceitos» (Hjørland 2008, p. 86).

Como atividades da organização do conhecimento, Hjørland (2016, p. 475) destaca as ações como «descrever, representar, arquivar e organizar documentos, representações de documentos, assuntos e conceitos tanto por humanos quanto por programas de computador». Nessa linha, Hjørland (2016, p. 475) evidencia procedimentos desenvolvidos à base de «regras e padrões, incluindo sistemas de classificação, listas de títulos de assuntos, tesouros e outras formas de metadados».

Nessa linha, Hjørland (2008, p. 86) defende que a Organização do Conhecimento trata da divisão social do trabalho mental, ou melhor, «da organização das universidades e de outras instituições de pesquisa e ensino superior, da estrutura de disciplinas e profissões, da organização social da mídia, da produção e disseminação do conhecimento». Acrescenta-se que é possível classificar em «a organização social do conhecimento» e «a organização intelectual ou cognitiva do conhecimento» (Hjørland 2008, p. 86).

Somado a isso, Mai (1999, p. 547) argumenta que as tarefas da organização do conhecimento «lidam principalmente com a linguagem e significado; portanto, qualquer teoria de organização e representação do conhecimento deve incluir explicitamente teorias de linguagem e/ou significado». Nessa perspectiva, entende-se que a linguagem documentária assume ponto fundamental nas tratativas, pois assume o papel de interconexão entre sistema e usuário.

Diante disso, a Organização do Conhecimento deve assumir alguns critérios para tratamento de conceitos, análise dos aspectos cognitivos, bem como a linguagem documentária e os processos de representação que envolvem a classificação, a categorização, a análise e o tratamento e a indexação. Nesse processo, a linguagem assume papel fundamental, pois o conceito é materializado em linguagens documentárias — como os tesouros, taxonomias e cabeçalhos de assunto — as quais são sistematizadas

a partir de um arcabouço terminológico e as relações semânticas que estabelecem, fundamentadas na lógica e nos princípios da semântica lexical de uma língua, assim configurando-se como sistemas de organização do conhecimento (Martines 2025).

Em suma, a Organização do Conhecimento explora diversos fatores relacionados à linguagem para efetivar a sistematização e os diversos procedimentos que envolvem a constituição do conceito, a correlação informação, realidade, mente e linguagem, bem como os instrumentos para organizar o conhecimento. Por isso, somados aos fatores lógicos aplicados à semântica e aos recursos epistemológicos alinhavados ao domínio, fatores de ordem semiótico-discursiva contribuem para explorar aspectos de sentido e significação presentes nos documentos, os quais são capazes de demonstrar pluralidade nos recursos informacionais.

## 2. SEMIÓTICAS: ASPECTOS LÓGICOS, DISCURSIVOS E COGNITIVOS

O conhecimento não é algo estanque e simplesmente definido por conceitos. Os conceitos são unidades condensadas de conhecimento, envolvem conjuntos complexos de informação e experiência, assim os conceitos não são elementos linguísticos, mas, sim, cenas práticas, decorrentes da relação mente, linguagem, experiência, lógica e fenômeno. Portanto, aspectos cognitivos são determinantes para efetivar parâmetros capazes de definir as propriedades e atributos dos conceitos, bem como os fatores discursivos são ativos que potencializam a performance dos construtos na realização da informação que contextualiza o conhecimento.

Nessa linha, é válido pensar nas possibilidades em tratar a linguagem como instrumento de construção de sentido e de significação, por conseguinte de semioses. Logo, a linguagem atua como elemento central na constituição dos percursos cognitivos que envolvem a aprendizagem, classificação, construção de raciocínio e investigação sobre a realidade que perfaz o ato de nomear, definir, descrever, expor, argumentar e sistematizar a forma como as mentes aprendem e organizam o mundo.

A interação humana com a realidade é o caminho para se constituir o conhecimento. O conhecimento não é um dispositivo de ordem natural, mas, sim, de ordem cultural, construído na arena simbólica da alteridade. Por isso, ao se tratar de avanços humanos acerca do conhecimento, é preciso enfatizar a importância dos aspectos sociais presentes nas trocas, nas dúvidas, nos questionamentos, nos acordos e, principalmente, como toda essa dinâmica se realiza através da simbólico (Martines 2025).

Para Peirce, efetivamente, o signo pode ser definido como «aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém» (Peirce 2017, p. 46). Outrossim, «dirige-se a alguém, isto é, cria, na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez um signo mais desenvolvido. Ao signo assim criado denomino interpretante do primeiro signo» (Peirce 2017, p. 46). Além disso, Peirce (2017, p. 46) complementa

ao dizer que «o signo representa alguma coisa, seu objeto. Representa esse objeto não em todos os seus aspectos, mas com referência a um tipo de ideia que eu, por vezes denominei fundamento do representamen».

Assim, «um signo, ou representamen, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém. Dirige-se a alguém, isto é, cria na mente dessa pessoa, um signo equivalente, ou talvez, um signo mais desenvolvido» (Peirce 1994 [1931-1935, 1958], não paginado, [CP 2.228]).

Para Peirce (1994 [1931-1935, 1958], não paginado, [CP 6.347]), «um signo se esforça para representar, pelo menos em parte, um Objeto, que é, portanto, em certo sentido, a causa, ou determinante, do signo». Somado a isso, afirmar que um signo representa «seu Objeto implica que ele afeta uma mente, e assim a afeta como, em algum aspecto, para determinar nessa mente algo que é mediamente devido ao Objeto», por isso «essa determinação da qual a causa imediata, ou determinante, é o Signo, e da qual a causa mediata é o Objeto pode ser denominada Interpretante» (Peirce 1994 [1931-1935, 1958], não paginado, [CP 6.347]).

Signo como *representamen* está implicado no signo como objeto, sendo este que conduz à experiência e amplia o contato, embora um signo não possa representar um objeto ou fenômeno em sua totalidade, pois já seria o próprio objeto. Por sua vez, o signo interpretante é resultante das apreciações experienciadas e como o objeto afeta a mente, estabelecendo uma mediação em direção à semiose e aos fatores cognitivos, ou seja, uma mente sempre estará aberta ao devir, pois pensa por signos, e signos nunca estarão completos.

Com efeito, é certo que o signo, por sua vez, é formado por um diagrama inicial: representamen, objeto e interpretante, sob os quais se formam novos diagramas, também triádicos para evidenciar as suas relações com as categorias fenomenológicas. Assim, sob o *representamen* há a configuração de uma tríade: qualissigno, sinsigno e legissigno; para o objeto: ícone, índice e símbolo; para o interpretante: rema, dicente ou dicissigno e argumento (Peirce 2017).

A construção semiótica peirceana está inserida em uma arquitetura filosófica, em que se fazem presentes as categorias fenomenológicas, que se apresentam frente ao sensível da experiência entre o mundo interno e o mundo externo, ou melhor, entre o mundo dos signos, o mundo dos objetos e o mundo da mente que aprende. Dessa maneira, Peirce defende, na elaboração dos fundamentos da Semiótica, que «os objetos representados pelos signos são também signos, com a diferença de que os objetos precedem os signos num processo semiótico, que ele definiu como semiose» (cit. por Nöth e Santaella 2017, p. 15). Ademais, «o objeto do signo é também um signo porque o universo das coisas se apresenta a nós por meio de signos» (Nöth e Santaella 2017, p. 15).

Os signos são instituições que medeiam o objeto, que está na natureza, e uma mente, que pode ser integrante da natureza ou de uma cultura. Essa relação estabelece um tipo de crença. Desse modo, Peirce (2008, p. 141) afirma que a crença «depende cada vez mais da observação dos fatos. Se se encontrar uma notável e universal ordenação no universo, deve haver alguma causa para tal regularidade, e a ciência tem de considerar qual hipótese poderia dar conta do fenômeno».

A generalidade de que se apropria a mente na compreensão das coisas do mundo se estabelece através dos fundamentos da lógica, visto que «se pudéssemos achar alguma característica geral do universo, algum maneirismo nos modos da natureza, alguma lei aplicável em todo lugar e universalmente válida, tal descoberta forneceria uma tão singular ajuda para nosso raciocínio futuro» (Peirce 2008, p. 142) de tal modo que a mediação poderia caminhar para a regularidade.

Além disso, a lógica persiste no processo de mediação, já que o objeto afeta a mente e a ela oferece um sentido, o qual deve ser analisado e testado pela própria propriedade do objeto, como também seus atributos, os quais em resistência diante da experiência colateral amplia as informações que afetam a mente *ad infinitum*, ou seja, a mente está em signo e o signo está em um contínuo de sentido, gerador de semioses, os quais atualizam o hábito e ampliam o conhecimento, oferecendo caminhos para constituir uma conduta que age frente ao devir.

Trata-se de uma filosofia que possui como fim descobrir o que é verdadeiro, o papel da inferência é fundamental para alcançar esse objetivo, pois ela decorre da experiência, que intrinsecamente está voltada para a observação, para a ação, para a generalização, as quais efetivam a autoconduta e ações deliberadas no devir referente à aplicação e ao reconhecimento da verdade. Portanto, essa ação evolui consoante às categorias universais da experiência, perpassando pela contemplação do seu fim em si mesmo e ao que possa, nessa evolução, ser conduzido pelo pragmatismo.

Por seu turno, a semiótica de linha francesa ganha dimensão teórica e epistemológica com os apontamentos do lituano Algirdas Julius Greimas (1917-1992). De fato, trata-se de um seguimento advindo dos apontamentos teóricos de Ferdinand de Saussure sobre o signo, por conseguinte, sobre a linguagem e os aspectos que envolvem o sentido. Somado a isso, a semiótica francesa se posiciona como continuidade dos aspectos explorados por Louis Hjelmslev (1899-1965), em destaque, o plano da expressão e o plano do conteúdo e como a correlação desses planos formatariam uma semiótica, ou seja, a transformação na significação.

Em busca da apresentação desses fenômenos de interiorização do mundo exterior através do embate entre o plano da expressão e o plano do conteúdo, Greimas (1975) apresenta um modelo constitucional da significação, o qual enquadra o percurso gerativo do sentido. O percurso gerativo de sentido é constituído de três estruturas: a estrutura fundamental, a estrutura narrativa e a estrutura discursiva. A estrutura

fundamental do texto evidencia a relação lógica entre os elementos semânticos apresentados no texto.

Em outra perspectiva acerca dos avanços da semiótica francesa, outro discípulo de Greimas, Jacques Fontanille (2008; 2012), apresentou uma abordagem para tratar da significação e do discurso, denominada percurso gerativo da significação, a qual defende que o conteúdo é acessado devido aos níveis de imanência presentes no plano da expressão.

Diante disso, Fontanille (2008) apresenta um conjunto de procedimentos para explorar os níveis de pertinência do texto, os quais conduzem a uma análise mais detalhada dos elementos que compõem o discurso. Desse modo, essa teoria apresentada é denominada práticas semióticas, as quais evidenciam o *ethos* discursivo, que se constrói mediante às formas de vida e, assim, se estabelece a semiótica discursiva.

Sob esses aspectos semióticos, o sentido manifestado é aquele reconhecido, estabelecido, estabilizado, por isso caracteriza-se como realizado, pois o percurso semiótico já chegou a um resultado, isto é, a uma semiose, ou seja, em relação ao processo de representação, o texto é ao mesmo tempo enunciado (informação), suporte (objeto) e veículo (enunciados, enunciação e discursos), produzido a partir de regras internalizadas, isto é, uma práxis específica de um campo.

É nesse tipo de percepção, no sensível, que se reconhece que o texto também traz informações de outros domínios científicos ou de domínios culturais, através da intertextualidade e da interdiscursividade, os quais são detentores de discursos fragilizados, apagados, esquecidos ou marginalizados, mesmo porque a possibilidade de haver muitos mais elementos não explorados nos níveis de imanência é grande, pois normas, políticas e protocolos delimitam a práxis, consequentemente, a significação, que, potencialmente, pode revelar muito mais detalhes sobre a informação presente em um texto.

Assim, pode-se considerar a significação «não como dependente apenas do texto, do enunciado, mas decorrente de dados extralingüísticos», além das *nuances* de representação da realidade, também é possível analisar noções de precondições da significação: «valências, estesias, protensividade e devir, afeto, andamento, espaço tensivo, práxis enunciativa, modos de presença, interações e níveis de pertinência», sendo este último marcado pelas «práticas, estratégias, formas de vida e cultura» (Diniz e Portela 2008, p. 12).

Para tratar da significação sob o viés das práticas semióticas, dois fundamentos são necessários para a articulação do sentido: o princípio de imanência, fundamental para promover a análise de todos os elementos que se relacionam na composição da esfera analisada, recriando semanticamente aquilo que converge e se conecta, partindo da forma para revelar a significação de seu conteúdo.

Há os níveis de pertinência, os níveis que sistematizam a prática semiótica em seis estágios, os quais partem do signo em sua concepção inicial como tema e figura, até alcançar as formas de vida, conjunto de fundamentos simbólicos que evidenciam a simbologia por trás de atos, condutas e experiências ao lidar com as coisas do mundo, fator constituído através dos objetos e cenas práticas, cuja perspectiva é revelar o fazer semiótica e a significação nessa interação. Com isso, esses fatores retratam a atuação das práticas semióticas sob um viés organizado e metodológico, fator importante no tratamento daquilo que nem sempre é material.

O princípio de imanência pode ser compreendido como uma análise modalizadora, lógica, em busca da compreensão de fatores metodológicos. Entretanto, é importante compreender que o princípio de imanência não equivale a uma análise comum, ou seja, é este princípio que permite a existência de uma teoria narrativa, esquematizada, da qual se extraí os elementos predicativos e modais, além das paixões, em condições de serem mensurada pela semiose e não apenas tratada como fatores psicológicos, portanto no princípio de imanência, «perfila-se uma hipótese forte e produtiva, segundo a qual a própria práxis semiótica (a enunciação em ato) desenvolve uma atividade de esquematização, uma metassemiótica interna, pela qual podemos apreender o sentido» (Fontanille 2008, p. 18).

As formas semióticas são resultadas da aplicação do princípio de imanência em cada nível gerativo de significação, consequentemente essa relação é responsável por estabelecer percursos de geração de experiências, sendo estas suscetíveis à evolução da significação, portanto responsáveis pela geração de semiótica-objetos, cada qual sendo avaliado em seu nível, mas podendo interagir com níveis inferiores e superiores (Fontanille 2008).

O percurso gerativo da expressão demonstra alguns fatores importantes, como entender que a significação não é algo pronto ou uma coisa que possa ser entendida como limites na possibilidade de interpretação. Diferentemente, a significação potencializa caminhos de interpretação conforme a condução dos elementos que se efetivam dentro de uma semiótica-objeto mediante a análise de imanência e a evidência desses elementos conforme transita na análise dos níveis de pertinência.

O discurso garante, através da ideia de coerência, a unidade significativa, enquanto é no nível do texto que ocorre a polifonia, também podendo ser denominada de «pluri-isótopos» (Fontanille 2012, não paginado). Porém, em uma análise que leva em consideração os processos textuais somados aos aspectos discursivos, os aspectos discursivos permitem controlar a polissemia, pois é possível «conciliar a pluri-isotopia do texto com a coerência discursiva» (Fontanille 2012, não paginado).

As práticas semióticas demonstram como o texto é direcionado pelos níveis de imanência, bem como o plano da expressão ganha destaque na incumbência de revelar o todo que cada nível de pertinência oferece, ou seja, para cada nível de

pertinência há um conjunto de elementos do sentido decorrente à imanência da expressão. Portanto, prosseguir pelo percurso gerativo da expressão é analisar como as cenas práticas se executam a partir de estratégias, as quais revelam as formas de vida, por conseguinte estas se manifestam através da consolidação de um *ethos*.

O *ethos* discursivo revela marcas simbólicas das formas de vida e, com isso, aponta como as cenas práticas são realizadas, visto que há a incidência de uma conduta inerente aos valores e aos procedimentos presentes nas formas de vida, ou seja, a enunciação marca esses valores na superfície do texto, assim o enunciado, através da isotopia, revela as figuras e os temas que compõem o cenário. Essas figuras e temas, imersos na construção da aspectualização apresentam as estratégias de conduta através do discurso.

Por sua vez, o discurso reverbera a atuação do ser humano na organização das coisas do mundo. As escolhas e as disposições representam uma organização simbólica, assim a aspectualização conduz, na manifestação do discurso, a atuação das formas de vida, com isso indica quais fatores são congruentes a determinados grupos e como os interdiscursos se realizam conforme os cenários científicos e culturais. Nesse aspecto, o simbólico, devido à atuação dos discursos, ganha a dimensão social, pois esses valores precisam ser compartilhados para executar a significação.

### **3. ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO E SEMIÓTICA: CAMINHOS PARA TRATAMENTO DA LINGUAGEM**

A linguagem é um recurso humano fundamental para sistematizar as dinâmicas, as demandas, as complexidades das atividades humanas e organizar a realidade, além de proporcionar estratégias para o desenvolvimento humano, seja em níveis intelectuais, seja acerca das percepções, seja sobre as habilidades sociais e as competências de intervenção.

Além disso, é a informação que também estimula o comportamento, acionando estratégias cognitivas de ação perante as situações e, consequentemente, aciona os aspectos lógicos, responsáveis pela compreensão das circunstâncias, que ativam parâmetros de conduta, já previstos, em níveis cognitivos, decorrente das experiências anteriores, assim recupera-se o conhecimento para tomada de decisões em devir.

Nesse sentido, a correlação percepção e cognição possibilita que a informação seja compreendida, assim direcionando reflexões, saberes, análises e críticas. A informação é fundamental para a interação social e no bojo da cavidade simbólica, a informação se perfaz como detentora de motivações para que os aspectos sociais, culturais, históricos, políticos e científicos evidenciem o caráter das trocas simbólicas do grupo, da comunidade e de cada integrante.

A informação age no social e afeta o individual, por isso o processo cognitivo inerente ao processo de significação é tão fundamental para a aprendizagem e, assim,

torna-se condutor das estratégias de organização do conhecimento diante de sistemas voltados para direcionar a sistematização dos diversos saberes, cujo fim é organizar a informação em recursos estratégicos para sua representação, armazenamento e recuperação.

A relação entre informação, linguagem, conhecimento é extremamente intrínseca a todos ao considerar os fatores cognitivos. Destaca-se que os estudos acerca da linguagem se iniciaram na linguística, destacando a forma, as bases estruturais da língua, por conseguinte os avanços sobre seus desdobramentos mentais e psíquicos foram sendo apresentados posteriormente.

A semiótica peirceana contribui para o tratamento da informação, reconhecimento dos tipos de raciocínio, dos aspectos que representam e medeiam a informação, além de apresentar o pragmatismo como recurso para verificação lógica dos préâmbulos que constituem o hábito mental e aferem à conduta, como sua correção e ajuste frente ao devir. Somado a isso, a semiótica peirceana também pode colaborar com os procedimentos que envolvem a configuração dos sistemas de organização do conhecimento, em destaque, a organização e a sistematização dos conceitos, como também direcionar as dinâmicas que envolvem a elaboração de linguagem documentária, oferecendo-lhe caminhos para evidenciar sua natureza como representação e mediação da informação.

Já a semiótica greimasiana volta-se, com efeito, para reflexões acerca dos procedimentos de organização do conhecimento, pois seu objeto central é a análise de discursos, bem como a configuração do enunciado e da enunciação. Nesse aspecto, pode contribuir com as atividades que envolvem a análise e o tratamento documental. Através da aplicação da Semiótica, reconhecem-se as marcas da enunciação que interferem na construção do sentido, principalmente naquilo que tange à adequação da intencionalidade com as necessidades do domínio e como os textos-documentos refletem o posicionamento das comunidades discursivas.

Além disso, a análise do enunciado permite observar a presença de camadas de sentido que perfazem diferentes recortes temáticos. Desse modo, pode ampliar a discussão sobre as políticas que envolvem as práticas de representação, não para manter a crença de que um único roteiro é suficiente para representar a informação manifestada no documento, mas, sim, para ampliar a discussão acerca daquilo que não está sendo representado e como isso pode gerar prejuízos de representatividade, de posicionamentos sociais, políticos ou históricos, enfraquecendo os discursos, ou ainda gerando apagamentos.

Nesse sentido, a semiótica francesa apresenta a concepção de *ethos* discursivo e formas de vida, fatores que podem conectar as práticas, as ações aos discursos, portanto ao simbólico constituído de modo sociocognitivo, pois esclarecem os jogos de linguagem que caracteriza um segmento cultural ou científico, assim aproximando-os

às premissas do domínio e de como sua análise reverbera as necessidades sociais dos grupos manifestantes.

Sob a égide da semiótica peirceana, a mediação da realidade se perfaz por estratégias lógicas que se constituem a partir do signo e sua relação com o objeto, assim como a relação do objeto com o interpretante. A tríade do signo aplicada às fundamentações das categorias fenomenológicas constitui a semiose. A semiose, por sua vez, como efeito cognitivo, é responsável pela constituição do hábito mental, como ainda a sua atualização conforme à evolução das experiências. Nesse contexto, há a constituição da conduta, a qual submetida às *nuances* do pragmatismo pode ser corrigida e ajustada frente ao autocontrole de uma mente frente ao devir.

Por seu turno, a mediação da realidade também pode ser organizada por estratégias discursivas, por isso é interessante a aplicação das práticas semióticas (semiótica francesa) a fim de reconhecer a relação do sensível (forma) e o sujeito, que através das cenas práticas e da interação com os objetos constituem os discursos, os quais são manifestados através de estratégias que se viabilizam pelo *ethos* discursivo, o qual expõe rituais, procedimentos, processos, protocolos, hábitos e repetições do simbólico que afetam o comportamento e direcionam a conduta conforme os valores inseridos na construção das formas de vida, as quais evidenciam maneiras de agir dos integrantes de uma determinada comunidade e são afetados pelo simbólico através de práticas sociocognitivas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Semiótica está presente em todas as circunstâncias que envolvem o tratamento da significação, pois a significação, assim como o signo, é objeto central de seu estudo, como ainda os aspectos que afetam uma mente no processo de aprendizagem, ou seja, trata também da percepção, da cognição, da conduta, do modo como uma mente age ou é afeta ou modelada pelo discurso, como ainda atua sobre as tomadas de decisão, somando-se a todos os aspectos que constituem o simbólico. Desse modo, fatores relacionados à constituição do conceito, à formulação das linguagens documentárias, à análise e tratamento documental, às técnicas e estratégias para sistematizar a leitura profissional e a escolha de descritores, como ainda aos direcionamentos e apontamentos que constituem políticas de atuação profissional em relação à linguagem.

Em condições lógicas de atuação, o conceito modela a compreensão da realidade através da força discursiva, pela constituição de seus cenários, contextos, objetos e valores, assim uma mente afetada pelo conceito pode interagir com esses instrumentos de composição da realidade e mediá-la, portanto seu traço lógico permite que o conceito seja identificado, estudado, classificado e definido. Nessa perspectiva, é no processo de discursividade que se descrevem seus atributos através da predicação. No universo humano, o objeto é, contudo, a linguagem que o faz ser.

A semiótica peirceana evidencia as categorias fenomenológicas que conferem a manifestação do sensível, ou seja, a análise e o tratamento da informação se constituem em um estágio de secundadade, pois efetiva-se um confronto com o texto-documento que se apresenta como uma resistência frente ao leitor profissional. Esse conflito se dissipa quando fatores inerentes à atuação dos interpretantes posicionam as informações em terceiridade. A terceiridade também está presente nos processos de extração e seleção de descritores, como também orienta as normalizações e as políticas, visto que é na terceiridade que se apresentam fatores relacionados à conduta.

Já a semiótica francesa demonstra que o discurso é um ponto central para tratar a significação. No entanto, é preciso que haja aprimoramento na aplicação de métodos que fundamentam suas atividades na leitura e na interpretação, assim garantindo a eficácia na extração de suas informações a serem transpostas em linguagem documentária. Dessa forma, apontam-se metodologias, práticas e procedimentos para representar aquilo que está estabilizado e registrado, ou melhor, há normas, políticas e protocolos, ou seja, uma práxis sedimentada no processo laboral.

Não é simples o tratamento da significação, visto que a articulação dos elementos durante a curadoria do documento no momento da análise, ou seja, em termos semióticos, será tratado de níveis de imanência, pode alterar os resultados, a depender das categorias, ou das estratégias durante a leitura, da análise e do tratamento em todo seu percurso, já que o reconhecimento dos elementos que perfazem os níveis de imanência é de natureza cognitiva, decorrente da pragmática, ou seja, depende de como o texto ativa o conhecimento do leitor.

O tratamento documental está atrelado ao texto e ao discurso, às operações cognitivas do seu autor, do profissional da informação e do usuário. A prática recai nas decisões do profissional responsável pela representação, estando este sob a égide das políticas de normalização, dos procedimentos metodológicos da organização do conhecimento, como campo, epistemologia, metodologia e práticas profissionais.

As formas de vida representadas nos documentos apresentam o potencial de esclarecer a conduta dos conceitos em sua aplicabilidade no documento e como se ajustam às necessidades do domínio. Diante de tal prática, importa garantir que a Organização do Conhecimento seja conformativa à representatividade e atenda aos domínios envolvidos. Ao atingir o nível das formas de vida para reconhecer as trocas simbólicas, alcança a esfera social e seus valores.

## REFERÊNCIAS

- CAFÉ, L. M. A., M. C. A. LACRUZ, e C. M. BARROS, 2012. Organização do conhecimento: análise conceitual. Em: *Actas del X Congreso de ISKO-España*. Ferrol: ISKO, pp. 283-302. ISBN 978-84-9749-535-6.
- DINIZ, M. L. V. P., e J. C. PORTELA, 2008. *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC.
- FONTANILLE, J., 2012. *Semiótica y literatura: ensayos de método*. Trad. de Desiderio Blanco. Lima: Universidad de Lima, Fondo Editorial.
- FONTANILLE, J., 2008. Práticas semióticas: a imanência e pertinência, eficiência e otimização. Em: M. L. V. P. DINIZ, e J. C. PORTELA, org. *Semiótica e mídia: textos, práticas, estratégias*. Bauru: UNESP/FAAC.
- GREIMAS, A. J., 1975. *Sobre o sentido: ensaios semióticos*. Trad. de Ana Cristina Cruz Cesar et al. Petrópolis: Vozes.
- HJØRLAND, B., 2016. Knowledge organization (KO). *Knowledge Organization*. 43(6), 475-484.
- HJØRLAND, B., 2008. What is knowledge organization (KO)? *Knowledge Organization*. 35(2-3), 86-101.
- HODGE, G., 2000. *Systems of knowledge organization for digital libraries: beyond traditional authority files*. Washington: Council on Library and Information Resources.
- MAI, J-E., 1999. A postmodern theory of knowledge organization. Em: *Proceedings of the 62nd ASIS Annual Meeting* [Em linha]. Medford, NJ: Information Today, pp. 547-556 [consult. 2025-01-04]. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/294226582\\_A\\_postmodern\\_theory\\_of\\_knowledge\\_organization](https://www.researchgate.net/publication/294226582_A_postmodern_theory_of_knowledge_organization).
- MARTINES, A. R., 2025. *Caminhos linguístico-semióticos para a organização do conhecimento: significação, cognição e tratamento da linguagem*. Tese de Doutorado em Ciência da Informação, Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.
- NÖTH, W., e L. SANTAELLA, 2017. *Introdução à semiótica: passo a passo para compreender os signos e a significação*. São Paulo: Paulus.
- PEIRCE, C. S., 2017. *Semiótica*. 4.ª ed. Trad. de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva.
- PEIRCE, C. S., 2008. *Ilustrações da lógica da ciência*. 2.ª ed. Trad. de Renato Rodrigues Kinouchi. Aparecida: Ideias & Letras.
- PEIRCE, C. S., 1994 [1931-1935, 1958]. *The Collected papers of Charles Sanders Peirce*. Ed. C. Hartshorne e P. Weiss (vol. 1-6), e A. Burks (vol. 7-8). Cambridge, MA: Harvard, 8 vols.
- SMIRAGLIA, R. P., 2013. Domain coherence within knowledge organization: people, interacting theoretically, across geopolitical and cultural boundaries. Em: *Proceedings of the Annual Conference of CAIS / Actes du congrès annuel de l'ACSI* [Em linha]. Victoria, British Columbia: CAIS/ACSI [consult. 2024-03-27]. DOI: <https://doi.org/10.29173/cais601>.
- SMIRAGLIA, R. P., 2012. Knowledge organization: some trends in an emergent domain. *El Profesional de la Información* [Em linha]. 21(3), 225-227 [consult. 2024-03-27]. DOI: <https://doi.org/10.3145/epi.2012.may.01>.